

BASTA!

As deportações que o governo, por uma inábil questão de política, levou a efeito causaram—como era de prever—uma desagradabilíssima impressão entre o operariado. Nas sessões e comícios realizados no dia 1.º de Maio o proletariado manifestou vibrante e eloquentemente a sua repulsa pelo acto vexatório do governo que, a pretexto de deportar os homens dos assaltos condenáveis aos bancos e às tavolagens, aproveitava a ocasião para exercer uma mesquinha e inexplicável vingança sobre os elementos avançados e operários.

Compreenderíamos—embora condenássemos—que essa arbitrária e ilegal condenação recaísse sobre os homens da Legião Vermelha, se acaso ela existe. O que não podemos, porém, deixar sem o nosso protesto é o ter-se aproveitado hipocritamente essas lérias da legião que os reacçãoários espalharam a tanto por linha nos jornais conservadores para se martirizar e perseguir precisamente os homens que, embora indirectamente, contribuíram para manter o governo de pé, combatendo os reacçãoários da Ronda.

Sabemos que, a pesar dos nossos protestos, a polícia já organizou mais uma lista de prisões, entre cujos nomes se encontram os de alguns militantes operários prestimosos que têm tido uma vida de trabalho honesto, incomparavelmente superior e mais útil do que o de Rego Chaves que, depois de roubar o Tesouro Público, é enviado para África, não como deportado, mas como Alto Comissário!

O governo está a tempo de evitar a repetição do crime praticado há tão poucos dias e que tão grande exaltação produziu no espírito do público. O governo deve lembrar-se de que actos desta natureza, tão abomináveis, tão odiosos, jamais trouxeram bons resultados a quem os pratica.

Não queiram os homens que saíram triunfantes da intenção reacçãoária de há dias, merecer a repulsa geral pelos seus actos conservadores e infantis, como o merecem os homens das direitas!

Urge que o governo mude de atitude e não crie por suas próprias mãos um ambiente de abandono tanto dos avançados como dos conservadores. Não se condene a uma hora de fatal asfixia para si e para a república—que ingratamente nem pago sempre aqueles que melhor a têm defendido sem que a isso sejam obrigados nem por ideal, nem sequer por interesse de "gamela".

As violências contra a imprensa

A atitude do sindicato dos Profissionais da Imprensa

A direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa apreciou novamente a situação criada a alguns dos seus colegas, pela suspensão de determinados jornais. Não obstante nenhum dos profissionais da imprensa que trabalham nos jornais actualmente suspensos ter pedido a intervenção do seu sindicato no incidente, a direcção, ponderando os inconvenientes de ordem material que podem advir para esses seus colegas, resolveu instar de novo, junto de quem de direito, pelo termo de uma situação que graves complicações poderá trazer à vida económica da classe. Ainda, por uma questão de princípios e de semelhança do que anteriormente fez, a direcção protestará contra as medidas adoptadas pelas autoridades e que só atingem classes completamente alheias aos motivos que originaram a sua adopção. A direcção estranhou que a falta de solidariedade das Empresas jornalísticas contribuisse para o prolongamento de uma situação que nada tem de prestigiosa para a imprensa e notou também, com estranheza, o facto de a Empresa de um dos jornais suspensos ter ameaçado de demissão os seus empregados, caso a suspensão se mantivesse, como se eles fossem os responsáveis por ela ou estivesse nas suas mãos remediá-la.

As eleições municipais francesas

Os comunistas triunfaram em Paris

PARIS. 4.—As eleições municipais desta cidade e arredores foram muito favoráveis aos comunistas. Houve vários incidentes em Orléans em Ajaccio por motivo das eleições. Nesta última cidade ficaram dois indivíduos mortos e vários feridos.

Ler o Suplemento de A BATALHA

A AMEAÇA DAS DITADURAS A EUROPA SOB UM VENDEVAL DE OPRESSÃO

... Mas por cada chicotada que a humanidade apanhou há hoje uma boca que clama e um braço pronto a defender a Liberdade

Afonso XIII, na sua agora já célebre entrevista concedida aos irmãos Jerôme e Jean Thérard e que foi publicada no "Paris-Midi", entre várias injúrias ao operariado espanhol, afirma que em Madrid se vive hoje como num paraíso, que os trabalhadores não mais assassinaram seus patrões, que só graças à ditadura de Rivera se pôde fugir à anarquia que ameaçava aniquilar a Espanha...

O monarca, usando aquelas habilidades de palhaço transformista que lhe são peculiares, mais uma vez ludibriou o público do seu país, que o julgava já desiludido das vantagens ditatoriais.

Alguma coisa, de facto, houve, que levou Afonso XIII a chanceler de novo a acção de Rivera, que há meses ele vinha discretamente repudiando.

Mas este aspecto da questão não nos interessa por agora.

Hoje queremos assinalar apenas os ditados que o *jongleur* do trono espanhol entoa à ditadura.

Afonso XIII preconiza o poder absoluto, a tirania, a opressão, como os charlatões das praças públicas apregoam os ungüentos heroicos, os bálsamos que tudo curam...

Apregoa e parece que a sua voz obedece aos destinos da velha Europa.

A França caminha para as direitas, a Alemanha accora-se ante a espada gotejando sangue humano de Hindenburg... Parece que um vendaval de opressão perpassa pela Europa, destruindo as rosas da Liberdade, sufocando os anseios de emancipação e cantando junto às grades das prisões sinistras arias de triunfo e de vingança.

E ante esta perspectiva de conação aos revoltados, de domínio absoluto sobre os que desejam redimir a humanidade de seu passado, tenebroso, a burguesia sorri enfiada e prepara-se, jubilosamente, para a alvorada duma vitória definitiva...

Conferência Inter-sindical do Algarve

A sessão inaugural realizou-se no passado domingo, tendo decorrido no meio de grande entusiasmo

(Do nosso enviado especial).

FARO, 3.—A Conferência Inter-Sindical do Algarve, que hoje iniciou os seus trabalhos na sede da U. S. O., decorreu com muita elevação.

A vasta sala achava-se repleta de delegados, militantes locais e doutros localidades e vários camaradas como assistentes. A 14 horas o camarada Francisco Xavier, da comissão organizadora da conferência, dá início aos trabalhos, explicando os fins a atingir com a realização da conferência. Referiu-se ao grande número de organismos representados, e a conveniência de que todos se integrem na importância dos trabalhos a apreciar, a fim de que algo se consiga de pratico para o engrandecimento da organização operária da região algarvia.

Termina pedindo a nomeação duma comissão revisora de mandatos a qual ficou constituída pelos camaradas: Pedro Costa dos Reis, da Construção Civil de Messines; Manuel Teodoro, da C. Civil de Olhão; Manuel da Cruz Vaz Marques, dos Empregados no Comércio de V. Real de S. António.

Suspende-se em seguida a sessão para a comissão de mandatos se desempenhar da sua missão.

A 15,15 horas foi reaberta a sessão, lendo-se o parecer da comissão revisora de mandatos, o qual acusa a presença dos seguintes organismos e respectivos delegados: de Faro: Corticeiros, Manuel Rodrigues Caçapo; Mobilitários, Camilo Carlos Tavares; Marítimos, Manuel Marvão; Empregados no Comércio, Justiniano Rodrigues, J. V. Facada e H. Vespasiano; Manufactores de Calçado, Francisco Xavier Pereira Junior; Construção Civil, António Guerreiro, José Aleixo e S. Coelho; de Olhão: Construção Civil, Manuel Teodoro; Metalúrgicos, Alberto da Silva; Empregados no Comércio, Ramos Iria; Soldadores, José Maria Canôa; Marítimos, João dos Santos, de Portimão: Construção Civil, José dos Reis Lino; Fábricas de Conservas, João Varela; Manufactores de Calçado, Raúl Duarte; Frangiteiros, Alfredo Joaquim Rosendo; Estivadores, João Gonçalves Pires; Metalúrgicos, João Bivano; de Silves: Aarão Rocha; Empregados do Comércio, Ricardo Luís Correia Manufactores de Calçado, Faustino da Encarnação; de Messines: Pedro Cortes dos Reis; de Vila Real de S. António: Conservas, António Soares; Empregados no Comércio, M. da Cruz Vaz Marques; de Lagos: Soldadores, Edmundo de Oliveira; de Tavira: Manufactores de Calçado, João de Deus Carepa; Construção Civil, João do Espírito Santo Santos Bento, U. S. O. de Faro, M. Madeira, F. Xavier Ferreira Junior e Joaquim Braz; de Olhão: A. Cezar da Silva, A. Sousa Calé e V. Tavares; Portimão: Joaquim Duarte Valongo. Núcleos de Juventude Sindicalista de Faro: Miguel Sebastião; Silves: António Baptista.

Federações: Mobilitária, Manuel Nunes; Tanoaria, Faustino Ferreira; Metalúrgica, Quirino Moreira. C. G. T., Manuel Joaquim de Sousa.

O referido parecer alude também à delegação de Raúl Duarte por a credencial ser passada pela U. S. O. de Faro e não pelo Sindicato respectivo—Manufactores de Calçado de Portimão, o que foi originado por aquele camarada se ter a esta data ausentado daquela localidade.

O parecer é aprovado por unanimidade, procedendo-se à leitura do regulamento da Conferência.

E finge até não ouvir o surdo ribombar dessa luta feroz que se trava na Bulgária e que faz recordar as horas trágicas do nihilismo.

A burguesia nada vê e regosija-se ante a promessa que alguns indivíduos, dementados pelos poder, fazem, de reduzir a humanidade a um rebanho de escravos, passivos, obedientes.

Vãos, anelos, ilusões que em breve murcharão irremediavelmente.

A reacção que a burguesia fecunda, subornando exércitos, comprando políticos, criando tribunais odiosos, decretando leis miseráveis, corresponde a um fenómeno psicológico de todas as grandes épocas históricas. Essa reacção foi sempre e é-o hoje mais do que nunca, o último estrebuxo do adversário ante o próximo triunfo das ideias que ela combate.

A reacção às ideias nobres de emancipação humana, dá-se neste momento precisamente porque a burguesia sente a necessidade de combater essas ideias, em vespéra de vitória. E daí esse vendaval de opressão que se desencadeia agora sobre a Europa.

E, porém, só fará apressar a luta, só intensificar a revolta, só ampliar os antagonismos que separam os dominadores dos dominados e quando passar, quando se perder ao longe seu último uivo, no campo só se erguerão, vitoriosos, aqueles que a burguesia sentenciou à morte.

A humanidade já não se conduz a chicote e por cada chicotada que a humanidade apanhou através dos séculos, há hoje uma boca que clama e um braço que se ergue pronto a abater os algozes.

O triunfo da ditadura... A necessidade da opressão.

Oh! sonho fabuloso de mentecaptos enfiados, que não conhecem a sua época e que não conhecem sequer a História com a qual argumentam!

NOTAS & COMENTÁRIOS

Entre conservadores

O *Correio da Manhã* mostrava-se, ontem muito zangado contra o *Diário de Notícias* por este ter tratado, com habilidosa benevolência, o governo Vitorino Guimarães. Da zanga passou à ameaça e quasi incitou os conservadores a não comprarem o *Diário de Notícias*. Incitamento inútil enquanto os conservadores não encontrarem no *Correio da Manhã* as informações indispensáveis aos seus negócios, aos seus interesses, aos seus mundanismo e às suas curiosidades.

Não tenha porém o *Correio da Manhã* receios sobre o pensamento político do jornal que ataca. Unicamente ele não está disposto a meter-se a críticas que podem despertar a hostilidade do governo. Descance o jornal monárquico: o *Diário de Notícias* não mudou, transigiu provisoriamente. E que ele vá às barbas do *Século* e da *Epoca* a arder e prudentemente está pondo as suas de molho.

Seria preferível...

Alfredo Rodrigues, tipógrafo deste jornal, conforme ante-ontem sumariamente referimos, foi agredido pelo cabo de polícia n.º 111, que dá pelo nome de Almeida, da esquadra das Mercês.

A agressão foi praticada com a maior selvajaria e sem que o agredido tivesse cometido a mais ligeira provocação.

Alfredo Rodrigues ainda foi insultado e agredido na esquadra das Mercês, segundo para o governo civil, sob prisão, conduzido por um polícia que o levou diante de si de pistola apertada, sem que o preso tivesse oferecido a mais ligeira resistência.

Julgado no tribunal dos pequenos delitos ainda foi condenado a 120 escudos de multa, seguindo logo para casa, onde está guardando o leito devido aos ferimentos que recebeu.

A agressão foi despropositada servindo apenas para demonstrar que o cabo Almeida é um indivíduo de maus instintos, possuindo alma repugnante dum criminoso.

O julgamento do Tribunal dos Pequenos Delitos provou novamente que ele constitui uma infamíssima burla, presidida pelo dr. sr. Teixeira Direito que se presta a ser demasiado *torinho*. A condenação do nosso camarada da tipografia: um autêntico roubo e um ignobil aplauso ao guarda capto.

Corolários: as feras da polícia andam à solta com carta branca para agredir covardemente pessoas pacíficas e desarmadas. O Tribunal dos Pequenos Delitos sanciona as agressões e rouba os agredidos.

Diante das façanhas deste tribunal e desta polícia temos de confessar, com a maior sinceridade, que achamos preferível a pior quadrilha composta exclusivamente por ladrões e assassinos.

Entre irmãos...

Padres e monárquicos que não são padres, longe de se entenderem harmoniosamente e de acordo com os preceitos cristãos, andam, em acérrima ira, na Covilhã.

O padre sr. Fino Beja veio acirrar as zangas atacando num jornal católico as damas católicas que se afirmam religiosas, mas que dizem cobras e lagartos do papa e de todos os ministros de Deus. As damas foram desagradadas por dois monárquicos que sovaram o sr. Fino que é padre. Porém, os católicos, sem imitarem a bíblica resignação de Cristo, foram-se, por sua vez aos agressores do padre e sovaram-no.

Estão as coisas nestes termos, esperando-se que os irmãos desavindos ainda venham a oferecer mais uma prova de que a moral cristã anda nos labírios daqueles que a desmentem com as suas acções.

Estão as coisas nestes termos, esperando-se que os irmãos desavindos ainda venham a oferecer mais uma prova de que a moral cristã anda nos labírios daqueles que a desmentem com as suas acções.

SEMANA DA CRIANÇA

Decorrem com entusiasmo em todo o país os trabalhos da sua preparação

Tem reunido ordinariamente a Comissão Central, que se tem ocupado especialmente de procurar manter em todas as manifestações da Semana—na defesa da integridade física e moral da infância—alta intenção humana que, fora de qualquer espírito de classe ou sistema, vem presidindo a esta iniciativa. Para atingir tal objectivo, esta Comissão está distribuindo por todas as comissões locais instruções de carácter geral relativamente aos pontos fundamentais do programa.

A Comissão Central continua recebendo comunicações de diversos pontos do país, participando a constituição de comissões locais, apresentando alvites e dando conta de trabalhos já realizados.

A Comissão local de Lisboa trabalha activamente, não só para dar ao programa inicial uma efectivação tão larga quanto possível, mas ainda para imprimir à sua execução a intenção educativa que caracteriza esta manifestação de solidariedade social em favor da infância.

As professoras de ensino infantil da capital têm reunido para tratarem especialmente da festa dos pequeninos dos 3 aos 6 anos.

OS COMUNISTAS E A POLÍCIA

LONDRES, 4.—As investigações policiais em Montmartre revelaram a existência dum batalhão vermelho de choque composto de oitocentos homens armados de pistolas automáticas que obedecem a chefes que só eles conhecem.

Foi descoberto um livro de notas em casa da comunista Suzanne Girault em que se prova que ela recebeu por várias vezes diferentes quantias de Moscú para serem empregadas na propaganda comunista em França.

N. R.—A procedência burguesa deste telegrama faz-nos supor, com fundamentados motivos, que o batalhão de 800 homens e as notas encontradas em casa de Suzanne Girault sejam fantásticas e clássicas mistificações da polícia para fazer prisões em massa.

UMA INTERPRETAÇÃO ERRADA?

O que foi ou o que deveria ter sido a acção da C. G. T. ante o acto insurreccional conservador—Eslarecimentos julgados íteis

Quiz Alexandre Vieira anteciper-se à continuação da resposta que me propuz dar-lhe às suas discordâncias com a atitude assumida, pela maioria dos delegados ao Conselho Confederal, ante a acção desenvolvida por pretensos delegados da C. G. T. em face da última tentativa dos conservadores, concretizando em novo artigo as suas opiniões sobre o assunto. Está bem; assim, ser-me há mais fácil refutar.

Antes, porém, e para que não possam restar dúvidas aos que nos leiam, devo afirmar que nada mais me move do que o desejo que sempre me animou, de bem servir a causa operária, dissipando possivelmente o lamentável confusão que temos jactando por gaudir do inimigo comum. Eu e Alexandre Vieira somos amigos; mas não alienamos a nossa amizade pessoal qualquer discordância fácil de surgir na maneira de melhor servirmos o ideal que, continuo a supor, nos é comum.

Quero ainda, para satisfação do meu espírito e com esta lealdade que já me tem dado alguns amargos de boca, exteriorizar a minha estranheza pelo ardor com que Alexandre Vieira veio à liza.

Julgo que ele o fez um pouco por amor próprio, visto ser um dos risados pelas discordâncias do Conselho Confederal. O seu espírito equilibrado, porém, terá reflectido o quão ingrata foi a missão de que se incumbiu, representando uma entidade que, considerando-o muito, todavia lhe não confiara delegacia nem se sentia obrigada a respeitá-lo tomar como coerente a atitude que ele assumiu.

Mas, quem não erra? E eu, como já disse, desculpo-lhe esse erro involuntário de visão e tanto assim o desculpo que, ao apreciar esse facto no Conselho Confederal, propuz, em nome do organismo que ali represento, a acção do que estava feito, por ser irremediável, e a marcação de uma orientação básica a seguir de futuro em face de emergências semelhantes.

Supõe Alexandre Vieira ser sua a Razão. E como eu suponho o contrário e julgo, além de tudo, que esta argumentação pública deve especialmente servir para esclarecimento do espírito proletário, passo a responder aos pontos apresentados:

1.º Perigo e perigará a independência da C. G. T. sempre que ligando-se com quaisquer agrupamentos políticos antagonistas ao espírito libertário que norteia toda a sua acção, esqueça a orientação dada à massa operária no sentido de que para a luta de classes—conquista e defesa de regalias, até à integral emancipação—deve bastar-se a si própria, criando para esse efeito uma organização completa, com todas as células que lhe permitam uma boa acção no sentido educativo, administrativo e revolucionário.

Poderá objectar-me: mas a C. G. T. não é ainda um corpo perfeito, completo e capaz de enfrentar períodos excepcionais como este último, e daí o convir uma ligação *transitória*. Essa objecção não me satisfaz; não só por atender à pureza dos princípios, como porque entendo mais acertado que se procure criar a capacidade cuja falta se nota, e ainda—isto é capital—porque nem agrupamento avançado tem condições morais ou orgânicas que completem a acção confederal.

Que o *comité das esquerdas* foi um perfeito cacharote, isso pode provar-se sem qualquer espécie de *parti-pris*. Começemos por ordem cronológica dos signatários da proclamação:

O Partido Socialista constancia-se num grupo de chefes sem soldados—chefes que ao mesmo tempo que procuram manter o *fogo sagrado*, para não perder tudo, vão agitando-se pelas várias repartições públicas, dando de quando em quando as suas ferroadas na organização confederal, facto verificado em afirmações produzidas por alguns marchais socialistas nos últimos congressos partidários.

O Partido Comunista, criado como uma espécie de seio do movimento sindical, é um grupo de satélites que gravitam em torno de uma estrela—um tanto baça—aquecida pelo calor da Rússia. A sua acção foi iniciada pelo célebre manifesto de ataque à C. G. T., e—valha a verdade—tem seguido caminho coerente com a orientação inicialmente demarcada, confundindo e procurando dissolver.

Os partidários da I. S. V. constituem um grupo apêndice do partido comunista—grupo composto de indivíduos que, amarrados ao pelourinho de rasgadas afirmações libertárias do passado, não têm a coragem moral de se apresentarem agora tal como estão, com as ideias do avesso, tática essa com que servem à maravilha os seus objectivos partidários.

O Centro 5 de Outubro é um resíduo dos desarticulados grupos de propaganda republicana que aproveitou, apenas, um ensejo para se destacar.

A Confederação Geral do Trabalho, última signatária, é, de facto, a única força positiva. Nela se congregam, ainda, alguns dos poucos simpatizantes do socialismo de estado, alguns comunistas e todos os partidários da I. S. V.

Para quê, pois, a ligação *transitória*? Não estará ela feita por natureza... e permanente?

Ah! mas eu percebo... Sendo os citados agrupamentos uns rótulos sem conteúdo, grupos de marchais sem soldados, a massa confederada era precisa...

2.º Se a C. G. T. tivesse ficado isolada ante o movimento revolucionário conservador a sua acção seria mais completa. Nos dias da revolução eu andei na rua. Vi a massa desorientada, entrechuzando-se e perguntando-se mutuamente o que devia fazer.

O *comité das esquerdas* limitou-se a auscultar o sentir da massa fechado num gabinete e pelo auscultador do telefone. Esqueceu-se—esqueceram pelo menos os pretensos delegados da C. G. T.—que, nos momentos mais agudos, toda a acção dos orientadores deve desenvolver-se no seio da massa, compulsando-a, encorajando-a e incutindo-lhe a confiança em si própria. Assim se tem feito nas grandes lutas contemporâneas, assim se praticou no grande movimento contra a carestia da vida (1918).

O Vieira deve estar lembrado... Lutámos nós e nós nos subleamos. Os políticos operários de então, resta-me a recordação de um que, no momento em que tudo nos perigava—liberdade, vida e organização—punha acima de tudo a propaganda da sua candidatura de deputado às constituintes, tendo depois uma desastrosíssima saída do Conselho da U. O. N.

Mas, vamos, o que poderia ter feito a C. G. T. isolada?

Aos primeiros tiros o seu comité reunia na sua sede e ali se firmava; tendo à mão todos os elementos necessários para orientar a defesa—o telefone, a tipografia, inúmeros mensageiros, etc.—convocaria imediatamente o Conselho Confederal—o que era fácil, visto que quasi todos os delegados acorreram à sede—e um dos primeiros actos seria lançar, numa proclamação exclusiva ao operariado de Lisboa mas sim ao operariado de todo o país, orientando-o para todas as contingências da tentativa reacçãoária das direitas.

O operariado da província também é confederado. A C. G. T. ramificaria a orientação em Lisboa de forma a que, o melhor possível, cada um subisse o seu lugar, e actuaria junto de quem fosse necessário, em nome do povo trabalhador... sem receio de que lhe podessem negar essa qualidade...

E a massa habituar-se-ia a contar mais com o seu próprio esforço não servindo de esteio a políticos.

Daque se infere, pois, ainda, que a C. G. T. não ganhou, perdeu.

3.º, 4.º e 5.º Não acho bem que Alexandre Vieira negue aos delegados que, como eu, no Conselho, discordaram da colaboração com os partidos "avançados"—mesmo *transitoriamente*—o termos interpretado o sentir das massas. Alexandre Vieira é sindicalizado e confederado e foi, até há pouco tempo, membro do Conselho Confederal. O seu sentir foi fielmente traduzido pelo delegado da sua federação na C. G. T., e eu não me atrevo sequer a pensar que esse camarada não interpretaria o sentir do organismo que representa.

Porque negar, pois, que os outros delegados cumpriram muito bem o seu dever, interpretando o sentir das respectivas partes da massa?

Não esqueçamos—repto—que a massa não é a classe de Vieira nem a população de Lisboa. Que não fizemos sindicalismo... Mais alto do que as palavras falam os factos e os que atrás exponho são conclusões.

Se alguém pode ser acusado de ter invertido a feição do sindicalismo, não querendo que a sua acção seja o influxo vindo da periferia para o centro, esse alguém não são, por certo, aqueles que discordam da forma como a C. G. T.—sem o saber—foi representada no *comité das esquerdas*.

Pena é que em A Batalha ainda não fossem publicados os extratos das sessões do Conselho em que o assunto foi debatido, porque então, não só não seria falsa a situação em que Alexandre Vieira se colocou, debatendo resoluções mal conhecidas da massa organizada, como porque esta, conhecedora da atitude dos seus militantes, estaria apta a—sem qualquer espécie de sugestão—ajustar da forma como "dizem representá-la", se os seus delegados se exprimem como anarquistas, ou se fazem simples e unicamente puro sindicalismo revolucionário.

Que falem os organismos que discordem da orientação dos seus representantes! Da unidade sindical, tratamos a seguir.

SANTOS ARRANHA

A moral nas famílias reais

O ex-herdeiro da coroa da Sérvia é um alcoólico

VIENA, 4.—Notícias recebidas de Belgrado dizem que o rei Alexandre ordenou que o príncipe Jorge, seu irmão mais velho, fosse encerrado num sanatório sob severa vigilância. O príncipe Jorge Karageorgievich, filho mais velho do ex-rei Pedro, era o herdeiro da coroa, mas a sua vida extravagante e a sua falta de senso fizeram com que o velho rei lhe tirasse o direito de sucessão. Quando o rei Pedro se sentiu incapaz de governar entregou a regência ao seu filho Alexandre. O príncipe Jorge que vivia em Paris publicou vários panfletos contra Pachich por motivo deste não lhe dar o dinheiro que lhe exigia. Apesar de estar exilado o príncipe Jorge regressou a Belgrado, onde os irmãos da rainha procuraram reconciliá-lo com o rei. O príncipe Jorge levou naquela cidade uma vida escandalosa, tendo sido constantemente perdoado até que recentemente publicou um livro contra os políticos iugoslavos acusando Pachich de corrupção, tendo oferecido aos jornais estrangeiros aquelas revelações por bom preço. O rei ofereceu ao príncipe um posto no exército, mas aquele fez vários escândalos, incitando os oficiais à indisciplina. Apesar do seu facto excentrico o príncipe Jorge tinha várias simpatias. O príncipe Jorge era um alcoólico inveterado, tendo por fim o rei resolvido, ouvindo a opinião de vários médicos, encerrá-lo num sanatório.

A agitação na Bulgária

Um sacrifício bombista

SOFIA, 4.—O sacrifício Zagorsky, que foi preso como implicado no atentado da catedral desta cidade confessou a sua culpabilidade no caso perante as autoridades militares que estão tratando das inquirições.

O palácio real pelos ares?

SOFIA, 3.—Carece de fundamento a notícia dada sobre a descoberta de um "complot" organizado com o fim de fazer ir pelos ares o palácio real.

Os acontecimentos da Bulgária

A interferência revolucionária dos Soviéticos

PARIS, 1.—Vários jornais publicam com grandes visos de autenticidade, a seguinte carta, que foi encontrada entre os documentos que caíram nas mãos da polícia de Sofia, quando fez as primeiras perseguições: «União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas—Comissário do Povo dos Negócios Estrangeiros, n.º 3009, 27 de Março de 1925, (Estritamente confidencial). Ao «Bureau» do representante plenipotenciário da Internacional Comunista, segunda secção, o companheiro Skelpart. Em resposta à sua carta n.º 2061, com data de 18 de Março, A. C., comunicamos que, segundo instruções da Federação comunista balcânica, pagamos as despesas do serviço P. O. do cofre da secção balcânica para os meses de Novembro e Dezembro de 1924, que será liquidada com a verba destinada ao serviço de correio secreto. Sem fazer nenhum desconto, o companheiro Anastasoff entregou este dinheiro ao camarada Janoff, com a seguinte direcção: «Sofia, rua de Rarowski, n.º 60, que recebeu 215 dólares americanos e o companheiro Karastanoff, na rua Targanova, n.º 3, que recebeu 250 dólares americanos. Apresentaram-se os recibos ao serviço de intervenção de fundos secretos, P. O. do secretário geral da U. R. S. S., membro do Comissariado do Povo dos Negócios Estrangeiros. Assinado: Moscova, Kremlim».

O que dizem os trabalhistas

LONDRES, 1.—Os três deputados trabalhistas ingleses que estiveram na Bulgária durante as férias parlamentares para se informarem sobre a política do governo Tzankoff e os recentes atentados acabam de publicar um relatório em que dizem que depois de uma conversa com o ministro inglês em Sofia, chegaram à conclusão de que era preferível abandonar o plano projectado e empregar a sua influência com o fim de procurar impedir as represálias que se seguiriam ao atentado de Sofia.

SUL E SUESTE

As novas oficinas e as propriedades expropriadas

Com o pedido de publicação recebemos a seguinte carta:

Camarada redactor: Quando o director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, sr. Plínio Silva, era ministro do Comércio apresentou ao Parlamento uma proposta sobre as novas oficinas a construir nos ferries de C. Ferro, a qual foi aprovada, e saiu a lei autorizando.

Foram as mesmas projectadas no sítio das Palmeiras, que fica entre a estação do Barreiro T. e Lavradio lado direito, sítio esse que está quasi formado em Bairro, porque está vendido em pequenas quantidades de metros a diferentes indivíduos, sendo a maioria ferroviários, uns já com prédios construídos outros por acabar e outros ainda por começar.

Tudo isto devido à grande falta de habitações; uns moram em prédios outros em barracas.

Como fôsse aquele sítio medido, há cerca de 4 meses foram ali 2 engenheiros e 2 mestres de obras avariar todas aquelas construções, sendo o seu valor muito diminuído, foi feito um aviso a todos os proprietários, que aquilo já lhes não pertencia, e não fazermos mais obras pois que em breve seriam recebedores das importâncias, respeitantes às suas propriedades. Pois até à data ainda se não falou mais em tal, estando os proprietários em sobressaltos, por em dado momento terem que sair das habitações, e não terem para onde ir, outros porque querem construir, em outro lugar, e não têm os meios necessários porque os têm empregados ali, e não lhes pagam.

Por isso, pediam todos os proprietários a intervenção do director dos C. Ferro S. S. sr. Plínio Silva e ministro do Comércio, pois que está acarretando grandes prejuízos a falta de pagamento das mesmas ou então a desistência da construção das oficinas, para os proprietários tratarem das suas construções.

AMADEU RAMOS (Ferroviário do S. S.)

São Carlos

O público aplaude todas as noites os interpretos do espiroto SINAL DE ALARME, peça que faz rir os mais sérios e que continua em scena neste elegante teatro.

Festa da Flôr

A Cruz Vermelha Portuguesa, está organizando as respectivas comissões e sub-comissões, a fim de que, este ano, em Lisboa, a festa da Flôr, se realize no próximo dia 14.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Vitimado pela tuberculose, faleceu ontem Aquilino Medeiros, operário da oficina de impressão do Anuário Comercial, realizado-se o seu funeral hoje, às 14,30 horas, da rua Tomás da Anunciação, 114, porta 2, para o cemitério de Benfica.

FUNERAIS

Tendo falecido o impressor Carlos António Torres, a direcção da Associação de Classe dos Impressores Tipográficos convidou os componentes da classe a incorporarem-se no préstito fúnebre que se realiza hoje, às 15 horas, da rua de São João, 53, 3.ª, para o alto de São João.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Uma manifestação de famintos em Sáfara

SÁFARA, 28.—Realizou-se ontem nesta localidade, promovida pelos trabalhadores em crise, uma significativa manifestação que junto dos proprietários reclamou trabalho.

O lúgubre cortejo, organizado junto ao Sindicato Rural, dirigiu-se em primeiro lugar ao «cirineu» Manuel Baptista Limpo. Quando a multidão chegou ao local onde se encontrava aquele proprietário, a burguesia supoz tratar-se dum movimento insurreccional.

Um representante dos *chômeurs* reclamou do sr. Manuel Limpo trabalho para os miseráveis que lentamente se definham. A resposta foi brutal e decisiva. Não tinha dinheiro, não podendo por esse facto admitir qualquer trabalhador ao seu serviço.

Algumas observações da comissão, e toda aquela mole foi junto do sr. José Bernardo Ravasco que respondeu inconvenientemente à comissão, declarando abruptamente que não podia dar trabalho.

AS DEPORTAÇÕES

Um protesto da Juventude Sindicalista

Do Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa recebemos a seguinte nota:

«E' extremamente revoltante que, depois de se ter jugulado um movimento reaccionário, tendo-se a classe operária manifestado abertamente pela defesa da Liberdade, o governo persiga e encerre aqueles que estavam dispostos a arriscar a sua vida.

Ultrapassa o inadmissível a deportação de operários que nem foram submetidos a julgamento, demonstrando esse facto os propósitos reaccionários do governo, atraiçoando a Constituição de que se diz defensor.

Neste momento em que a nossa liberdade de perigo, o Núcleo de Juventude Sindicalista de Lisboa, cónscio das suas responsabilidades, aconselha os jovens sindicalistas a acatarem-se com os maneios dos políticos despolas.

Jovens sindicalistas! não podeis ficar indiferentes perante tanto despotismo [em momento tão grave.

Manifestai o vosso protesto, opondo-vos à consumação de tais atentados à liberdade individual.—A comissão administrativa».

Malas Postais

Pelo paquete «Sambre» da Mala Real Inglesa são hoje expedidas malas postais para Pernambuco, Pará, Manaus, sendo da caixa geral a última tiragem da correspondência registada às 9 horas e das ordinárias às 11 horas e por via Marselha para a Índia Portuguesa e Macau, efectuando-se a última tiragem às 10 horas e 40 minutos.

OS MISTÉRIOS DO POVO

ACABA DE APARECER A 6.ª SÉRIE DE 10 TOMOS DESTA MAGNÍFICA OBRA HISTÓRICA DO ESCRITOR EUGENE SUE

ACEITAM-SE ASSINATURAS PARA ESTE ROMANCE, AO PREÇO DE 5000 POR CADA SÉRIE DE 10 TOMOS

Exorbitâncias da G. N. R.

EM ELVAS

ELVAS, 28.—Há dias Olimpio dos Santos encontrava-se próximo do posto da G. N. R. discutindo com um indivíduo desconhecido. Tendo sido agredido por ele respondeu à agressão de igual modo, o que lhe valeu ser preso pelo guarda 301, da G. N. R., que, depois de o haver metido no calabouço, o agrediu desmedidamente à bofetada.

Tão grandes eram as suas culpas, que logo a seguir o puseram em liberdade!—E.

Cadáver reconhecido

No hospital de São José foi ontem identificado aquele indivíduo que, há dias, tentou suicidar-se em Sintra e que veio a falecer no Banco daquele hospital horas depois de ali ter dado entrada. Chamava-se António Alves Ribeiro, de 34 anos, sapateiro, natural de Lisboa e residia na calçada de São João da Praça, 56. O cadáver deve ser hoje removido para o Instituto de Medicina Legal a fim de lhe ser feita a autópsia judicial.

Apolo

Curiosa a forma porque o popular actor Jorge Rolão interpreta vários números na jocosa revista TIROLIRO, ali em scena.

“Diário da Tarde”

Para reorganização dos seus serviços e instalação da nova sede, suspendeu a publicação, por alguns dias, este nosso colega da tarde.

Os escriptórios e a redacção do *Diário da Tarde* passam a funcionar no Largo da Trindade, 17, 1.ª, para onde deve ser dirigida toda a correspondência.

INSTRUÇÃO

Exâmes nos liceus

O prazo para entrega de requerimentos de alunos que pretendam fazer exame como externos nos liceus, começa no dia 1 e termina no dia 15 de Junho, proximo.

Os requerentes devem juntar aos requerimentos as certidões do último exame e de idade. Por isso, as escolas particulares e os alunos do ensino doméstico, devem mandar tirar já, nas secretarias dos liceus e nas repartições do registo civil, as referidas certidões.

Os cadernos escolares, com as respectivas notas de aproveitamento, são rubricados por um professor inscrito no liceu onde o aluno vai fazer exame.

Os exames da 4.ª Classe das escolas primárias foram equiparados aos exames de admissão aos liceus.

Os exames começam em todos os liceus, como de costume, em 1 de Julho. As aulas terminam em 20 de Junho.

Teatro São Carlos

HOJE E AMANHÃ A MAIS SURPREENDENTE E FANTASIOSA PEÇA

O Sinal de Alarme

Grandioso sucesso Notável conjunto

Teatro Apolo

HOJE TIROLIRO

HOJE às 9,30 da noite

a sugestiva revista, onde além de apresentar deliciosos scenários se vê um automóvel conduzindo dois espirotozinhos enamorados

Magnífico desempenho Música cheia de colorido

EDEN TEATRO

HOJE, às 20,45 (8 3/4)

A linda «chansonette»

A artista preferida das senhoras

A incomparável Troupe Belga Chatam

(As últimas novidades do «Music-Hall»)

Composto de 10 figuras: bailarinas, cantores, equilibristas, mímicos, fantasistas, plásticos, xilofonistas, exibindo o autêntico «Jazz-Band» americano

O MAIS VARIADO E ATRAENTE DOS ESPECTACULOS ULTIMOS ESPECTACULOS DE GENERO «MUSIC HALL»

A Batalha

Um católico que não se fia nas “verdades” do seu jornal

Recebemos a carta que a seguir publicamos, quando não concordamos com as sanções que o seu autor pretende para os directores de jornais.

BRAGA, 30-IV-925. — **Senhor redactor:** — A fim de que a Confederação Geral do Trabalho fique sabendo que «os carolos de Braga» nem todos «se chamam Lourenços», havendo alguns, como eu, que vão acompanhando o progresso social, lendo e comentando as notícias da imprensa periodica com a maior isenção de facciosismo, tomei a resolução de lhe enviar esta singela carta, a fim de lhes enviar, por este meio, os meus sinceros parabéns pela forma independente e quicá lógica, como apreciaram no seu revolucionário jornal—esse lutador em prol das classes proletárias—«A Epoca».

Muito bem, sr. redactor. Concordo em absoluto com o seu justíssimo protesto contra esse acto de violência desnecessária e até contraproducente para os desejos de segurança dos governantes.

Não posso no seu, embora independente jornal, fazer os comentários que tal acto, cheio de incongruência me sugere, porque nem o meu republicanhismo me consentia que viesse aqui magoar os governantes da República, nem a orientação da Direcção me permitia.

Limite-me, por isso, a dizer que a apreensão e suspensão de jornais fazem vencer aqueles, que os têm com fanatismo, de que tudo quanto eles dizem é verdadeiro, e aos governantes não convem que se saibam outras verdades, e por isso fecham as fontes por onde elas poderiam brotar!... E isto razoável?... E isto conveniente?... Parece-me bem que não.

Melhor seria, pois, que, em vez de se ordenarem tais apreensões e suspensões, antes se intimassem os directores desses jornais a comparecer perante a autoridade a fim de provar a verdade dos casos a que se referem, e se não fizessem essa prova, ficariam sob prisão até o dia do julgamento, não lhes sendo permitida fiança.

«Seria proceder com violência, também?...»

Certamente, mas, como ninguém os havia obrigado a falsar a verdade, e mesmo a difamar, não se poderiam queixar, com justiça, de tal violência.

E no dia seguinte seria publicada no mesmo jornal uma declaração, em forma, da falsidade da notícia.

Todos ficariam conhecendo que tinha havido calúnia da parte do jornal.

Assim, o que se fica supondo é que o jornal dizia a verdade e muito mais havia de dizer, se não fôsse suspensa a sua publicação.

Ninguém me convence do contrário. De V. etc.— *Um católico de Braga.*»

Exposição de rosas

É na segunda quinzena do presente mês que se realiza nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição de rosas promovida pelos floricultores srs. Moreira e Silva & Filhos.

O produto das entradas na referida exposição reverte a favor do cofre de beneficencia do Sindicato dos Profissionais da Imprensa.

A luta, pois, entre o onze nacional e o valoroso «team» de Belem deve proporcionar aos admiradores deste genero de desporto agradável hora e meia de bom football.

Doutro modo, ainda, este jogo permite-nos julgar as nossas possibilidades para efeito do próximo encontro com Espanha. Os onze seleccionados vão dar-nos uma ideia daquilo que procuraram fazer no próximo encontro com a Espanha.

Oxalá o publico saiba compreender a grandeza e a difficuldade da sua missão, acolhendo-os com simpatia e prodigalizando-lhes a sua confiança. O jogo deve efectuar-se no campo do Estadio, o mesmo onde se realizará o IV Portugal-Espanha.

O produto das entradas, por generosa deliberação da União Portuguesa de Football, destina-se ao Sindicato dos Profissionais da Imprensa.

INSTRUÇÃO

Exâmes nos liceus

O prazo para entrega de requerimentos de alunos que pretendam fazer exame como externos nos liceus, começa no dia 1 e termina no dia 15 de Junho, proximo.

Os requerentes devem juntar aos requerimentos as certidões do último exame e de idade. Por isso, as escolas particulares e os alunos do ensino doméstico, devem mandar tirar já, nas secretarias dos liceus e nas repartições do registo civil, as referidas certidões.

Os cadernos escolares, com as respectivas notas de aproveitamento, são rubricados por um professor inscrito no liceu onde o aluno vai fazer exame.

Os exames da 4.ª Classe das escolas primárias foram equiparados aos exames de admissão aos liceus.

Os exames começam em todos os liceus, como de costume, em 1 de Julho. As aulas terminam em 20 de Junho.

Inundações na Flandres

BRUXELAS, 4.—Há grandes inundações em toda a região da Flandres. Os comboios entre Hazebrouck e Lille fazem a viagem com água acima do cubo das rodas. Os camponeses viram-se obrigados a abandonar os seus domicílios.

Em muitos pontos estão interrompidas as comunicações.

AGREMIações VARIAS

Grupo Aurora da Liberdade. — Reúne hoje, às 21 horas, este grupo para um assunto urgente.

Teatro São Carlos

HOJE E AMANHÃ A MAIS SURPREENDENTE E FANTASIOSA PEÇA

O Sinal de Alarme

Grandioso sucesso Notável conjunto

Teatro Apolo

HOJE TIROLIRO

HOJE às 9,30 da noite

a sugestiva revista, onde além de apresentar deliciosos scenários se vê um automóvel conduzindo dois espirotozinhos enamorados

Magnífico desempenho Música cheia de colorido

A suspensão de “A Epoca”

Um católico que não se fia nas “verdades” do seu jornal

Recebemos a carta que a seguir publicamos, quando não concordamos com as sanções que o seu autor pretende para os directores de jornais.

BRAGA, 30-IV-925. — **Senhor redactor:** — A fim de que a Confederação Geral do Trabalho fique sabendo que «os carolos de Braga» nem todos «se chamam Lourenços», havendo alguns, como eu, que vão acompanhando o progresso social, lendo e comentando as notícias da imprensa periodica com a maior isenção de facciosismo, tomei a resolução de lhe enviar esta singela carta, a fim de lhes enviar, por este meio, os meus sinceros parabéns pela forma independente e quicá lógica, como apreciaram no seu revolucionário jornal—esse lutador em prol das classes proletárias—«A Epoca».

Muito bem, sr. redactor. Concordo em absoluto com o seu justíssimo protesto contra esse acto de violência desnecessária e até contraproducente para os desejos de segurança dos governantes.

Não posso no seu, embora independente jornal, fazer os comentários que tal acto, cheio de incongruência me sugere, porque nem o meu republicanhismo me consentia que viesse aqui magoar os governantes da República, nem a orientação da Direcção me permitia.

Limite-me, por isso, a dizer que a apreensão e suspensão de jornais fazem vencer aqueles, que os têm com fanatismo, de que tudo quanto eles dizem é verdadeiro, e aos governantes não convem que se saibam outras verdades, e por isso fecham as fontes por onde elas poderiam brotar!... E isto razoável?... E isto conveniente?... Parece-me bem que não.

Melhor seria, pois, que, em vez de se ordenarem tais apreensões e suspensões, antes se intimassem os directores desses jornais a comparecer perante a autoridade a fim de provar a verdade dos casos a que se referem, e se não fizessem essa prova, ficariam sob prisão até o dia do julgamento, não lhes sendo permitida fiança.

«Seria proceder com violência, também?...»

Certamente, mas, como ninguém os havia obrigado a falsar a verdade, e mesmo a difamar, não se poderiam queixar, com justiça, de tal violência.

E no dia seguinte seria publicada no mesmo jornal uma declaração, em forma, da falsidade da notícia.

Todos ficariam conhecendo que tinha havido calúnia da parte do jornal.

Assim, o que se fica supondo é que o jornal dizia a verdade e muito mais havia de dizer, se não fôsse suspensa a sua publicação.

Ninguém me convence do contrário. De V. etc.— *Um católico de Braga.*»

Exposição de rosas

É na segunda quinzena do presente mês que se realiza nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição de rosas promovida pelos floricultores srs. Moreira e Silva & Filhos.

O produto das entradas na referida exposição reverte a favor do cofre de beneficencia do Sindicato dos Profissionais da Imprensa.

A luta, pois, entre o onze nacional e o valoroso «team» de Belem deve proporcionar aos admiradores deste genero de desporto agradável hora e meia de bom football.

Doutro modo, ainda, este jogo permite-nos julgar as nossas possibilidades para efeito do próximo encontro com Espanha. Os onze seleccionados vão dar-nos uma ideia daquilo que procuraram fazer no próximo encontro com a Espanha.

Oxalá o publico saiba compreender a grandeza e a difficuldade da sua missão, acolhendo-os com simpatia e prodigalizando-lhes a sua confiança. O jogo deve efectuar-se no campo do Estadio, o mesmo onde se realizará o IV Portugal-Espanha.

O produto das entradas, por generosa deliberação da União Portuguesa de Football, destina-se ao Sindicato dos Profissionais da Imprensa.

INSTRUÇÃO

Exâmes nos liceus

O prazo para entrega de requerimentos de alunos que pretendam fazer exame como externos nos liceus, começa no dia 1 e termina no dia 15 de Junho, proximo.

Os requerentes devem juntar aos requerimentos as certidões do último exame e de idade. Por isso, as escolas particulares e os alunos do ensino doméstico, devem mandar tirar já, nas secretarias dos liceus e nas repartições do registo civil, as referidas certidões.

Os cadernos escolares, com as respectivas notas de aproveitamento, são rubricados por um professor inscrito no liceu onde o aluno vai fazer exame.

Os exames da 4.ª Classe das escolas primárias foram equiparados aos exames de admissão aos liceus.

Os exames começam em todos os liceus, como de costume, em 1 de Julho. As aulas terminam em 20 de Junho.

Inundações na Flandres

BRUXELAS, 4.—Há grandes inundações em toda a região da Flandres. Os comboios entre Hazebrouck e Lille fazem a viagem com água acima do cubo das rodas. Os camponeses viram-se obrigados a abandonar os seus domicílios.

Em muitos pontos estão interrompidas as comunicações.

AGREMIações VARIAS

Grupo Aurora da Liberdade. — Reúne hoje, às 21 horas, este grupo para um assunto urgente.

TEATROS, MUSICA E CINEMAS

No Maria Vitória

«Rataplan», de Gregos e Troianos

A revista «Rataplan» é uma peça da estação, isto é, própria da temperatura de Maio e... até de Agosto. Mas, nesse ponto, não diverge de outras levadas à scena em pleno inverno. No entanto e talvez por isso mesmo, o publico ri a bom rir. E como o juiz, nestas emergências, é o publico, acabemos as suas resoluções. «Rataplan» é uma successão de quadros que não afluxam na intensidade cômica. A indumentaria tem certo bom gosto, os scenários de Reinaldo Martins, Eduardo Reis, Mergulhão e Baltazar Rodrigues são frescos e variados e os actores fazem bem o seu dever, devendo fazer-se menção especial ao trabalho de Carlos Leal, Alfredo Ruas, Santos Carvalho e Laura Costa. João Silva, muito bem no quadro dos policas.

A música coordenada e original é agradável, sendo inspirado o fado do da Rita e Manecas cantado com intenção e sentimento por Laura Costa e Ruas.

O numero dos «brinquedos» é bem observado, tem verdade e impagável ironia. Fê-lo bem Santos Carvalho.

Teatro São Luís

A opereta «A bailadeira» de Kalman

Vasco Santana, o actor cômico do São Luís que tem um publico muito seio, fez a sua festa artistica com a linda opereta de Kalman «A bailadeira», já conhecida dos lisboetas pela interpretação da companhia Maria Odette que trabalhou no Coliseu e pela de Lea Candini que há pouco ainda se exibiu no Trindade. Tivemos ensaio por ocasião da duas temporadas, de nos referirmos à formosa partitura do autor da Princesa das Czaradas, limitar-nos-hemos, por isso, a constatar a opulência e o bom gosto com que está posta a scena, a graciosa marcação que, como de costume, lhe foi dado por Armando de Vasconcelos, e a largueza de colorido que Serra, Anuncião e Rodrigues deram aos scenários. No desempenho, além do festejado, distinguem-se a atriz cantora Alice Pancada, o tenor Sales Ribeiro, e o actor Mário Campos, José Vitor, Carlos Viana e Sebastião Ribeiro. A estranheza Virginia Neves esforçou-se por ocultar a natural timidez duma primeira representação que era para ela um debut. Coros afinados, principalmente os masculinos. A execução pela orquestra um tanto mastigada. Da tradição nem vale a pena falar...

Music-Hall no São Luís

Três artistas bastaram a constituir o espectáculo de Music-Hall com que o teatro São Luís entretem durante quatro noites o publico de Lisboa: a bailarina inglesa Miss Joan Carrol, a tonadillera Paqueta Alcaraz e o «cometista-dancarino», francês, Maurice Chevalier. Dizemos três artistas porque Ivonne Vallée está tão integrada no trabalho de Chevalier que dir-se-ia artisticamente ter-se operado por milagre uma verdadeira fusão de temperamentos, tão iguais são as curvas dancantes dos dois, tão insinuantes desabrocham ao canto as suas bocas vincadas pela canção, tão paralelos se desenharam os seus gestos característicos.

Na primeira parte do programa, a inglesa Carrol passa como uma pena através dos seus bailados silhueticos e finos de traço. Desde o seu vestido vaporoso até a transparencia do olhar, vai um mundo de recortes subitís. E uma figura ténue de quadro de Reynolds.

Paqueta Alcaraz é mais «substancial» tonadilla com mais volupia e os seus olhos teem outro tom de beleza que reflete o céu da Espanha. As duas artistas distinguiram-se: a primeira no «Schön Rosmarin», a segunda na «Ultima milongua».

Maurice Chevalier cantou oito canções escolhidas como a policromisar a graça francesa, a malícia, a intenção e o «desahillé» cômico. Não se sabe onde termina o cancionista e onde começa o dancarino. A mobilidade da sua fisionomia extraordinariamente expressiva, a elegante desarticulação do seu corpo, contraditoriamente rítmica, dão a Chevalier uma categoria de artista do seu genero manifestamente inconfundível. A fama que o acompanha é genuinamente cabida e desta vez o snobismo com que o acolheram, em entusiasmo, está bem certo.

NOGUEIRA DE BRITO

Noticias

Fernanda de Castro, a inspirada poetisa que o pais intelectual conhece e admira, despede-se hoje à noite, como dramaturga, no teatro Nacional onde, pela última vez, nesta temporada, se representa o seu lindo drama «Naufragos», por ter a respectiva companhia de partir depois de amanhã para o Porto onde a peça se estreará com o seu enorme êxito de Lisboa, forçadamente interrompido.

—Amanhã realiza-se a inauguração do teatro Joaquim de Almeida, com «A Severa» peça em que a actriz Palmira Bastos fará a protagonista.

—Volta esta noite a figurar no cartaz do São Luís, a célebre opereta «A Bayadera», de Kalman, o rei do «fox-trott».

Reclames

E' definitivamente na próxima sexta-feira que faz a sua estreia no Coliseu dos Recreios a grande companhia de opera italiana do Teatro Real de Madrid que dará apenas desassete espectáculos sendo de ordinários e sete extraordinários, quatro destes com o grande tenor Fleta—hoje o maior do mundo—e três com o celebre baritone Galleffi, o mais reputado artista da sua categoria.

A peça de estreia será a ópera de grande espectáculo *Aida*, em que o protagonista é o eminente soprano dramático Maria Lacer que nos principais teatros liricos tem obtido os mais justificados triunfos.

O teatro Apolo continua a ser o ponto de reunião do publico de bom gosto que não cessa de ir ali admirar a magnifica revista «Tiroliro», que é contestavelmente a mais interessante, mais alegre e mais espirotoza de Lisboa. A sua lida musica e as suas deliciosas coplas ouvem-se já cantar nas ruas, prova evidenciissima do agrado do publico pela festiva revista. Maria Litaly, Desolada, Sayal, Guilhermina Paiva, Jorge Rolão, Alberto Gilra e José David todas as noites são aplaudidissimas.

—Entre o notável grupo de artistas de «Music-Hall» que estão trabalhando no Eden Teatro figura como elemento de destaque a formosa e gentil «cancionista-dancase» Lia Mircea que sobre ser uma mulher galante, com todos os requizos de da gentileza e da graça e também o idolo das senhoras, por se tratar de uma artista que se não confunde ao seu genero, tem, espalhada, e ardente, pondo nos seus «complets» todo o sentimento da sua raça e da sua Espanha romantica.



As vibrantes manifestações proletárias no dia 1.º de Maio

quasi todos os comícios e sessões se protestou contra as deportações arbitrárias

Em Torres Novas

TORRES NOVAS, 2.—Conforme fora anunciado, realizou-se aqui uma sessão pública para comemorar a data do 1.º de Maio.

A comissão promotora da mesma distribuiu profusamente um convite a todos os trabalhadores para nesse dia abandonar o trabalho, e convidava-os a assistir à citada sessão.

Com excepção dos empregados no comércio e têxteis, o proletariado local abandonou o trabalho em geral. Como o 1.º de Maio ainda é compreendido, infelizmente, por alguns trabalhadores, como dia de festa, por alguns operários passaram o dia nas hortas.

A noite a Banda Operária Torrejana percorreu algumas ruas da vila, dirigindo-se em seguida para o local onde se realizou a sessão, executando o hino 1.º de Maio após o qual retirou.

Com regular assistência, abre a sessão Faustino Bentes, da comissão promotora da mesma, convidando a presidir Adolfo José Alves, pelos Metalúrgicos, e a secretariar António da Costa Alvorado, pelos Caixeiros, e Manuel da Costa Alvorado, pelos Construtores Civis.

O presidente expõe os fins da sessão e aconselha serenidade, dando em seguida a palavra ao camarada F. Bentes.

Este saúda em nome da comissão promotora o povo trabalhador desta localidade e os trabalhadores em geral, fazendo uma breve alocução sobre o significado do 1.º de Maio, terminando com um viva à C. G. T.

Segue-se Manuel Ferreira da Silva, delegado da C. G. T.

Conseguir por lamentar que os trabalhadores não apareçam em maior número, principalmente em momentos como estes em que a situação dos oprimidos é tão precária; estabelece um paralelo entre o capital e o trabalho, salientando o valor deste, e combatendo a acção perversa daquele. Após estas considerações o orador referindo-se aos clérigos escandaliza a abominável profissão dos mesmos, pois que, só servem para embribeçar a plebe e assegurar o predomínio da burguesia. Neste momento alguns adeptos dos carolos põem-se à prova, impedindo o orador de neste momento continuar nas suas afirmações. O provocador da desordem foi Júlio César Kince, que recebeu a devida recompensa.

Daniel Francisco, delegado da Federação da Construção Civil, história largamente as lutas havidas por 8 horas; aludindo à tragédia de Chicago tem palavras repassadas de revolta contra os facinorosos que impediam os lutadores pela emancipação humana; ataca inexoravelmente os estados, o capitalismo e a reacção, terminando por aconselhar os trabalhadores a organizarem os respectivos sindicatos.

Volta de novo a fazer uso da palavra o delegado da C. G. T., expondo a atitude dos arruaceiros que há pouco se encontravam na sessão. Refere-se sucintamente ao 1.º de Maio tendo em seguida os documentos da C. G. T., os quais são aprovados por unanimidade.

A seguir F. Bentes apresenta uma moção do seguinte teor:

«Considerando: que se encontram enclausurados em infelizes e nauseabundas prisões da «livre» América, entre outros, Sacco e Vanzetti, que sem motivo algum o justifique, que os sicários militares do execrável Directório Militar Espanhol, não hesitam um momento em perseguir ferocemente todos os indivíduos por não pensarem como os bandidos que os dominam, recorrendo ininterrupta e cobardemente ao assassinato dos nossos mais activos camaradas como o provam mais uma vez com a injustificável condenação à morte do camarada António Torres;

O povo trabalhador de Torres Novas, reunido em comício resolve:

1.º Protestar contra a detenção dos camaradas Sacco e Vanzetti, e prestar todo o apoio moral e material ao comité pró-libertação dos mesmos;

2.º Enviar um telegrama ao consul de Espanha em Portugal, solicitando o indulto do camarada Torres, e dispensar o máximo de auxílio ao comité pró-libertação de Espanha.

Depois desta aprovada, o presidente disseta largamente sobre o reaccionarismo e o papel degradante que o padre representa na sociedade; condena o patriotismo e parlamentarismo, terminando por combater todas as conflagrações.

Voltam a fazer uso da palavra os delegados da C. G. T. e Federação da C. C., fazendo o primeiro alguns reparos a várias considerações do último orador, e o segundo aborda mais uma vez o significado glorioso do 1.º de Maio, salientando o valor de todas as lutas empreendidas pelas classes laboriosas, em prol das regalias até hoje reivindicadas.—C.

Em Ponte de Sôr

Pelas 21 horas realizou-se na Associação da Construção Civil e Artes Correlativas uma sessão pública que foi muito concorrida. Havia dois dias que a burguesia espalhava o boato de que os delegados traziam consigo bombas e que se daria uma revolução em Ponte de Sôr. De modo que, imperava no espírito do povo um certo terror que as calúnias espalhadas pelos burgueses contra o Sindicato justificavam. Infelizmente, impediu que à hora da sessão, apesar das patrulhas da Guarda republicana postadas em frente do Sindicato, o povo viesse afluindo e enchesse por fim a sala aglomerando-se ainda muita gente na rua.

Estavam também presentes alguns elementos da burguesia, bem como o comandante da guarda. A sessão decorreu bem falando Francisco Quintal, pela C. G. T., João Caldeira pela F. C. Civil, Miguelina Sardinha e Manuel Fresco, que se referiram ao significado do 1.º de Maio e demonstraram as vantagens que todos os trabalhadores têm entrando nos seus sindicatos. A sessão terminou com vivas à C. G. T., F. C. Civil e emancipação dos trabalhadores, ficando assim o povo sabendo que reuniões eram as notícias terroristas espalhadas pelos inimigos do povo e da Associação da Construção Civil de Ponte de Sôr.

Pescadores de Peniche

PENICHE, 2.—O delegado da C. G. T. que veio a esta vila tomar parte nas manifestações do 1.º de Maio, a convite da Associação dos Pescadores, fez hoje uso da palavra numa importante sessão pública que se realizou na sede daquele organismo, explicando o verdadeiro significado do 1.º de Maio.

Na mesma sessão falaram ainda Aníbal do Carmo e Jaime Paulino que leu um folheto de sua autoria, o qual ofereceu aos organismos locais para ser editado e distribuído pelo povo trabalhador.

No final foi aberta uma quete em favor dos presos sociais que rendeu 7380.—C.

Em Cadaval

CADAVAL, 1.—Também aqui foi recordada a data memorável do 1.º de Maio, tendo a tuna 1.º de Dezembro percorrido as principais ruas desta vila.

Pena é que a maior parte do operariado local não compreenda bem o significado deste dia.—E.

Em Peniche

PENICHE, 3.—Realizou-se no Sindicato dos Operários da Indústria de Conservas uma sessão solene com a presença de José Gonçalves, delegado da C. G. T., que dissertou sobre o significado da data do 1.º de Maio, explicando quanto se sacrificaram os mártires de Chicago para conquistarem as 8 horas de trabalho.

Frisou também o suplício de 3 camaradas fuzilados pelas feras policiais nos Olivais, e o de 18 operários que na madrugada de 30 p. p. saíram barra fora sem que os tribunais os julgassem.

Adriano Ferreira da Silva apresentou uma proposta do teor seguinte: «Proporho que se oficie ao ministro da Justiça, enviando o nosso mais veemente protesto pelo deportamento de 18 operários sem serem ouvidos nos respectivos tribunais e reclamando a sua imediata libertação». Esta proposta foi calorosamente aprovada.

Alfredo Nunes criticou o procedimento de alguns soldados que se prestaram a trabalhar no dia 1.º de Maio.

Aníbal do Carmo verberou o procedimento desses operários, considerando-o ignóbil e cobarde.

Voltou a falar José Gonçalves que fez uma grande crítica às tabernas e ao desporto.

Promoveu-se uma quete para os presos sociais que rendeu 21800.—C.

Em Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 1.—Na Associação dos Trabalhadores Rurais desta localidade, realizou-se uma sessão pública, comemorando o dia 1.º de Maio, a qual esteve regularmente concorrida.

Fala em primeiro lugar José Jorge Capote, que depois de se referir ao significado do dia 1.º de Maio, alude à acção perversa da reacção católica política, e militarista, bem como aos últimos acontecimentos políticos e o fim que os mesmos visavam.

Segue Joaquim Capote, que faz várias considerações sobre a cultura e produtividade dos terrenos incultos que a ele e outros fereiros foram entregues.

Aconselha os fereiros, como trabalhadores, a ingressarem no respectivo sindicato.

Seguidamente fala João Gomes, delegado da C. G. T., sobre os acontecimentos de 1886-87 em Chicago.

Refere-se largamente ao último movimento revolucionário, dizendo que a reacção não caiu no dia 5 de Outubro de 1910, pois que ainda se conserva dominante.

Aprovou-se uma moção sobre as deportações de operários com as conclusões seguintes:

1.º—Protestar energicamente contra tão grande monstruosidade, e transmitir telegraficamente o dito protesto ao ministro da Justiça.

2.º—Solidarizar-se com a C. G. T., em qualquer acção que leve à prática desse sentido.

Em seguida são aprovadas duas moções da C. G. T., bem como uma saudação ao proletariado internacional e vítimas do capitalismo.—(C).

Em Cascais

CASCAIS, 2.—Promovida pelos sindicatos da C. Civil e da Indústria de Conservas efectuou-se ontem uma sessão comemorativa do 1.º de Maio. Fizeram-se representantes do Sindicato da C. Civil de Parede e a Federação da C. Civil, por dois delegados. Usaram da palavra José Romão da Costa e Guilherme B. dos Reis, que verberaram o procedimento de alguns operários, trabalhando nesse dia, e o delegado da F. C. Civil, José Felizardo Cardoso, apresentando este duas moções que foram aprovadas. Levantou-se um veemente protesto contra a deportação de operários, e abriu-se uma quete para as suas famílias, que rendeu 18950.—(E).

Em Vieira da Leiria

No dia 2 efectuou-se numa vasta sala desta vila uma sessão comemorativa do dia 1.º de Maio. A assistência, que era bastante numerosa, contou no seu meio bastantes mulheres. Fizeram uso da palavra os camaradas Adelino Ferreira, da Federação Metalúrgica, Fernando de Almeida Marques, pela C. G. T. e Anastácio Ramos, militante operário do Porto.

Trabalhadores rurais do Ervedal

ERVEDAL, 2.—Reuniram os trabalhadores rurais em sessão comemorativa do 1.º de Maio.

Falaram J. S. Pinto, J. A. Carrilho, dos rurais de Cano, J. R. Pimentel, dos rurais de Fronteira, H. Seias, do N. S. R. de Extremoz, M. F. Quartel, dos partidários da I. S. V., referindo-se ao significado do 1.º de Maio e a outros assuntos, dizendo este último dever a propaganda política ser feita nos centros e não nos sindicatos, e que só um governo de operários lhes pode trazer a emancipação, no que é combatido por Inácio Marques, da Federação da C. Civil.

J. J. Candieira, da Federação dos Trabalhadores Rurais, fala sobre a miséria dos trabalhadores e da necessidade de se asso-

ciarem, discorde de Quartel que, dizendo dever a propaganda política fazer-se só nos centros, a veio fazer ali no sindicato.

Falou o delegado da C. G. T., Jaime Tiago, e a seguir, mais uma vez, Quartel, dizendo que não vinha pedir votos, e Inácio Marques apontando obras dos comunistas, que têm desmantelado vários sindicatos.

Foi aprovada uma moção de protesto contra a reacção do país e internacional e contra as deportações de operários, outra sobre a crise de trabalho e uma saudação aos trabalhadores perseguidos pela burguesia. Foi rejeitada uma moção de Quartel sobre frente única.—E.

Em Oeiras

OEIRAS, 1.—Com enorme concorrência efectuou-se nesta localidade uma sessão comemorativa do 1.º de Maio na qual tomaram parte António Marcelino, que representava a C. G. T., Alexandre Assis e José dos Santos, da F. C. C., Quirino Fernandes, do S. U. da C. C. de Parede e Arredondo, João Miranda de Oliveira, da F. das J. S., António Jorge, pelo S. U. C. de Oeiras, e Pedro Paz Domingos operário manipulador de pão. Todos os oradores, que foram fortemente aplaudidos, se referiram ao significado do dia incitando os presentes a organizar-se para assim levarem de vencida o inimigo comum: o capitalismo e iniciarem uma era de paz e harmonia, banda da Academia Instrução e Recreio Oeirense tocou durante a sessão os hinos do 1.º de Maio e de A Batalha. Um grupo de camaradas ofereceu aos oradores um jantar que decorreu na mais franca confraternização.—E.

Em Portalegre

PORTALEGRE, 2.—Este ano passou aqui despercebida a passagem da data do 1.º de Maio.

—Para o dia 17 anuncia-se uma sessão de propaganda da acção republicana.

—Tem sido muito comentada a deportação de operários, que causou muita indignação.

—Foi muito disputado o número de A Batalha do dia 1.º de Maio.—(C).

Em Tires

TIRES, 1.—Promovido pelo S. U. C. Civil realizou-se, na sede do Grupo Dramático «Solidariedade Operária», uma sessão que esteve bastante concorrida, estando largamente representado o elemento feminino.

Manuel Inácio, delegado da Federação da C. Civil, refere-se ao significado do 1.º de Maio e aconselha os operários a ingressarem nos sindicatos.

Carlos Coelho, da C. G. T., fala em indignação das deportações de operários, considerando-as maneios dos reaccionários, que apesar de terem sido vencidos na Rotunda, continuam a predominar no país.

Usam a seguir da palavra Artur da Costa Pereira, Avelino Tendor e Venceslau Pereira, este da Federação das Juventudes Sindicalistas, apelando para que os jovens abandonem as tabernas e se instruaem.

Falaram ainda Alvaro dos Santos e Artur Moreira Sabido, que como outros oradores, saudaram o grupo musical e dramático, cujo aniversário passa hoje.

Foram aprovadas moções apresentadas pelos delegados da C. G. T., F. C. C. e F. J. S., encerrando-se a sessão aos vivas à C. G. T., F. C. C., Juventude Sindicalista, A Batalha, etc.—C.

Em Penafiel

PENAFIEL, 2.—A fim de comemorar a tragédia de Chicago, nomearam as duas classes organizadas em Penafiel —manufactores de calçado e «construtores civis» —uma comissão a qual tratou de dar cumprimento à missão de que foi incumbida. Foi editado um manifesto descritivo da data do 1.º de Maio, o qual foi profusamente distribuído pelos trabalhadores de Penafiel.

A sessão solene, teve lugar pelas 15 horas, na sede do Sindicato dos Manufactores de Calçado. Aberta a sessão por um membro da comissão do 1.º de Maio, foi convidado a presidir António Pereira de Sousa, pelos manufactores de calçado, e para secretariar José Teixeira Pinto, Surrador e Adriano Moreira, pelos construtores civis. Pereira de Sousa em breves palavras lamenta que o operariado de Penafiel ainda esteja tão cheio de preconceitos e desconfiança na sua maior parte os deveres e direitos que lhe assistem. Salienta a necessidade que há de todos se unirem para acabar de vez com todas as desigualdades sociais.

Mário de Carvalho, em nome da C. G. T., descreve minuciosamente todos os episódios sangrentos da data do 1.º de Maio, alude às perseguições que a burguesia nacional e internacional está exercendo sobre todos os que trabalham; faz sentir a necessidade de que todos os trabalhadores de Penafiel se organizem convenientemente para se defenderem das artimanhas dos seus verdugos que pretendem esmagá-los. Tem conhecimento de que alguns mestres da construção pretendem impor o regime das 10 horas de trabalho; urge que esses camaradas reúnam e tomem providências atinentes a que tal pretensão não vá por diante, porque de contrário isto representaria uma traição à maior regalia até hoje conquistada pelos trabalhadores. Falando para os manufactores de calçado diz-lhes da necessidade que se impõe de se defenderem das pretensões malevolas dos seus patrões, para que se não tornem a constatar os mesmos casos que se deram, na última crise que a classe atravessou.

Relembra os objectivos da última reunião que ali se realizou para apresentar várias reclamações de interesse moral e material para essa classe, e que se estas não vingaram, foi porque a classe não soube cumprir com o seu dever organizando-se. Lê em seguida duas moções que são do teor seguinte:

«Considerando que a reacção capitalista, pretende cada vez mais cercar as poucas regalias que o povo trabalhador tem conseguido à custa de grandes sacrifícios e de enormes dedicações; que é ela a principal causadora de todo o mal estar que aflige actualmente o operariado; que o último movimento revolucionário que se deu em Lisboa foi obra da sua propaganda nefasta

entre os militares que querem copiar a obra de Mussolini e Primo de Rivera; que não se compreende que, tendo sido jugulado um movimento, de carácter conservador, se esteja a exercer represálias sobre os trabalhadores, prendendo-se a esmo alguns operários da mesma cidade, que se esgorçaram para defender a liberdade ameaçada, os trabalhadores de Penafiel, reunidos em sessão, resolvem:

1.º. Reclamar do governo energias medidas, que metam na ordem os inflames exploradores do povo;

2.º. Protestar contra os objectivos da pretensa ditadura que os revoltosos desejavam impor sobre todos os trabalhadores;

3.º. Manifestar a mais viva indignação, pelas violências exercidas pelas autoridades de Lisboa, prendendo bastantes operários e pretendendo enviá-los para o Ultramar, como indesejáveis, enquanto os verdadeiros agitadores da política se encontram em liberdade;

4.º. Saudar a C. G. T. como organismo que congregados os trabalhadores organizados de Portugal».

A 2.ª moção é do seguinte teor:

«Considerando que a burguesia internacional, longe de atenuar um pouco o sofrimento das classes trabalhadoras, está cada vez exercendo mais repressão para manter o seu domínio sobre os seus assalariados; que os nossos camaradas de além fronteiras estão sofrendo toda a casta de perseguições, por reagirem constantemente contra os seus inflames exploradores, que se aliam aos mais ferozes militares para com o regime da ditadura conseguirem os seus fins; que, principalmente na Itália, onde impera o fascismo miserável e assassino e na Espanha onde predominam os «somatenes», organização de bandidos, é que os nossos camaradas mais estão sofrendo as perseguições dos seus inflames verdugos de instintos verdadeiramente sanguinários, os operários de Penafiel, reunidos em sessão, resolvem:

1.º. Protestar energicamente contra todas as violências exercidas contra os nossos camaradas de além fronteiras cometidas à sombra da maior impunidade;

2.º. Manifestar toda a sua simpatia pelas vítimas desta infame organização social cujo único crime é defenderem a causa da liberdade e da emancipação humana;

3.º. Saudar os trabalhadores de todo o mundo, únicos fomentadores de toda a riqueza social;

4.º. Congratular-se pela brilhante acção exercida pelo nosso jornal A Batalha em defesa de todos os oprimidos».

Estas moções foram aprovadas por unanimidade no meio de grande entusiasmo. Em seguida Teixeira de Carvalho, da F. C. C., saúda todos os trabalhadores de Penafiel, incitando-os a organizarem-se convenientemente, para não consentirem nas pretensões dos mestres, que querem terminar com o regime das 8 horas de trabalho. Faz várias considerações sobre a data que passa, aludindo ao sacrifício moral e físico dispendido para a defesa de todos os escravizados.

Lamenta também que ainda hoje se constatem casos como os que presenciou de vários trabalhadores irem trabalhar neste dia mostrando a sua inconsciência por todo quanto diz respeito ao operariado organizado.

Pereira de Sousa refere-se às palavras do representante da C. G. T. secundando-as e aconselhando todos os presentes a organizarem-se para assim mostrarem que os trabalhadores de Penafiel querem acamarar com todos os operários do país para a conquista da sua emancipação. Em seguida encerra a sessão que decorreu com grande entusiasmo, aos vivas à C. G. T., A Batalha e aos trabalhadores de todo o mundo, etc. Foram vendidos bastantes postais para auxílio aos perseguidos espanhóis vítimas da ditadura de Primo de Rivera.—C.

Uma bela sessão em Montemor-o-Novo

Promovida pelos sindicatos, da localidade realizou-se em Montemor-o-Novo, na biblioteca dos Trabalhadores, com regular concorrência uma sessão comemorativa da data do 1.º de Maio.

Henrique Abrantes, dos manufactores de calçado, num pequeno discurso analisa o significado da trágica data que se comemora, condenando com palavras repassadas de revolta todas as tiranias. Refere-se à actual situação económica do proletariado condenando a atitude do capitalismo.

Vicente José Rodrigues, pelo Sindicato da Construção Civil atua o jesuitismo que infrene campanha em Montemor. Declara que o «futebol» exercido como é, violentamente, contribui fatalmente para a degeneração da mocidade.

O delegado da C. G. T., Manuel Rodrigues, depois de realçar o valor da organização operária em Montemor, incutindo-lhe coragem na luta em prol das nossas justas aspirações, refere-se à data que passa. A acção do operariado nada é sem um ideal revolucionário a norte-lhe. Referindo-se ao elemento feminino, diz que o espírito combativo dos homens deve ser imitado pelas mulheres. Passa em revista as perseguições ao operariado nacional e internacional, contra as quais se insurgem. Refere-se à actual situação na Rússia, dizendo que se o proletariado russo não viu ainda realizadas as suas aspirações, a culpa é do proletariado internacional que não tem auxiliado a revolução russa. Exorta os trabalhadores a ingressarem nos respectivos sindicatos, robustecendo assim a organização sindical.

Falando sobre a tentativa revolucionária de há pouco, põe em contraste a ansia do povo, nessa altura, pela defesa da liberdade, com a atitude do governo pretendendo agora deportar operários. Apresentou o seguinte protesto ao qual se associou todo o povo:

«O povo trabalhador de Montemor-o-Novo, reunido em sessão comemorativa do 1.º de Maio, resolve protestar energicamente contra as deportações de operários feitas pelo actual governo».

Foram apresentadas outras moções pelo delegado da C. O. T.

Antes de encerrar a sessão pediu a pala-

CONFERENCIA INTER-SINDICAL DO PORTO

Uma comissão saída da União dos Sindicatos Operários do Porto, tomou a seu cargo efectivar dentro de pouco tempo a Conferência Inter-sindical do Porto, que há tempos se anda preparando, e cuja realização é de uma absoluta e urgente necessidade para o fortalecimento da organização proletária daquela cidade.

Variados e importantes trabalhos irão ser apreciados nessa conferência, que se realizará tam depressa os deem prontos os elementos encarregados de os apresentarem, que não deverão demorar-se em concluir, pois só da sua conclusão depende a fixação da data em que essa magna reunião terá de efectuar-se.

A comissão organizadora, muito inteligentemente, abstém-se de apresentar ou aceitar qualquer trabalho sobre internacionalismo ou tendências políticas, convicções de que um tal trabalho iria dar margem a apaixonada discussão e quicá violenta, pelo facto de que os grupos A, B, C, etc, se chocariam, defendendo cada um, o que é lógico, o seu ponto de vista e todos estariam em completo desacordo. Viria, portanto, essa discussão atear a fogueira das divergências, que em redor desta questão se tem constatado no seio da Organização portuguesa.

Previsto assim o resultado funesto que traria ao avivar novamente essa questão, olvidam-na e combaterão até ao último extremo, tal pretensão, que por ventura venha a ser apresentada ou discutida na próxima conferência, para ela de que lado partir.

Sindicatos que até à data deram a sua adesão e respectivos delegados:

Carregadores e Descarregadores de Troncos e Mar, do Porto: José Gonçalves; Adalino Braga e Inácio Teixeira Bastos; Litógrafos: António Alves Pereira, José Maria Ferreira dos Santos Carvalho e Alberto Alves Carneiro; Liga das Artes de Vição Portuense: Manuel Fernandes da Silva.

Estabelecimentos de Carnes Verdes: Henrique Pinto da Silva Magalhães, Eduardo Miguel Peixoto e Manuel Pinheiro; União dos Jardineiros: António da Cunha, Américo Dias da Silva e António Gomes Paiva; Têxtil, do Porto, Deolindo Martins Ferreira, António Alves de Sá e Miguel Pinto Moreira; Mobiliário: Lúcio Ferreira da Silva, Fernando Barros, Aníbal Dantas e os seguintes militantes: Dias de Almeida, Zacarias de Lima, Rafael Costa, Carlos Maximiano, António Reis, Edmundo Gomes da Silva, Abílio Guimarães, José Joaquim Marques e Armando Machado.

Empregados no comércio: Inácio Vaz da Cruz, João Vieira Alves; Vestuário: António de Carvalho, João da Silva Guimarães e José da Silva, e os seguintes militantes: Manuel Monteiro, Américo de Oliveira, Manuel da Silva Moura, José Luís Pinto, Henrique Fernandes, Alvaro Gavão, Francisco Bento Novais e António Martins; Manipuladores de pão: Bento Mendes da Costa, António Ventura Cardoso e Daniel Vilar; Liga das Artes Gráficas: António Teixeira, Joaquim da Silva e Manuel Ardonis.

Têxtil de Gaia: Francisco Baptista; Joaquim Fernandes Orilo e Manuel Mendes; Oficinas de Barbeiro e Cabeleireiro: Joaquim Augusto Paiva; Construção Civil: Celestino Dória Fernandes, Artur Santos Sousa e Manuel Reis; Artistas Confiteiros: José Rodrigues Reboredo; Calçado, Couros e Peles: Felisberto Baptista, João Teixeira e José da Silva; Manipuladores de Tabacos: João Luís da Silva e Francisco Henriques da Silva.

vra João Baptista para condenar a obra dos que pretendem instaurar a ditadura em Portugal.

NO ESTRANGEIRO

Em Paris

PARIS, 1.—A Bolsa do Trabalho não conheceu a afluência dos grandes dias. Das 8 horas ao meio dia, mais de cinco mil operários foram carimbados as suas cadernetas à sede dos sindicatos.

Pouco depois das 10 horas, formaram-se várias barreiras com o fim de canalizar a multidão e pouco depois, começou o «meeting» organizado pelo sindicato autonomo da construção civil do Sena. Mais de dois mil auditores aplaudiram vibrantemente os oradores que relembrou os velhos incidentes do dia 1.º de Maio.

No Bd. Magenta formou-se um grupo de manifestantes e alguns operários, fazendo dos candelários, tribunas improvisadas, reclamavam a anistia.

Em todos os pontos da cidade houve reuniões e organizaram-se «meetings». Só na rua de la Grange-aux-Belles havia mais de cinco mil pessoas. Na praça da República 600 manifestantes formaram um cortejo. Na rua Camborne efectuou-se um «meeting» a que assistiram 500 pessoas. Numa reunião na rua do Chateau, 800 sindicatos aplaudiram os delegados da C. G. T.

O serviço de auto-ônibus, de carros eléctricos e do metropolitano paralisou totalmente às 2 horas.

Em Londres

LONDRES, 1.—O cortejo operário que é costume fazer-se no dia 1.º de Maio, efectuou-se este ano, sem distribuições, entre os cais Vitória e as tribunas de Hyde-Park.

Comunham o cortejo mais de 10.000 manifestantes, homens e mulheres que iam a pé; as crianças, eram transportadas em veículos de toda a espécie, desde o carro de bebé, até às carroças que servem para transportes.

Os manifestantes arvoravam mais de 500 bandeiras vermelhas e estandartes, centenas de retratos de Lénine, Karl Marx, etc.

PROPAGANDA SINDICAL

Rurais de Montoitto

MONTOITO, 28.—Realizou-se no dia 25, na Associação dos Trabalhadores Rurais, uma sessão de propaganda em que usaram da palavra, sobre a organização sindical e condições de vida do rural, J. S. Barradas, Romão Ambrósio e Vicente Relvas, e Joaquim R. Pereira sobre os perigos do alcoolismo.—E.

Vida Sindical

C. G. T.

Comité confederal

Reúne amanhã, pelas 20 horas.

C. S. T. L.

(Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa)

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Geral.

COMUNICAÇÕES

Litógrafos e Anexos.—Mais uma vez a comissão administrativa previne os delegados de oficina, que o aumento de cota, que devia começar a vigorar no dia 1.º de Maio, ficou suspenso, em virtude da crise que a classe atravessa.

—A comissão administrativa reúne todas as quartas feiras, pelas 20 horas.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE: Federação da Construção Civil.—Pelas 21 horas, os delegados que desempenharam delegacias de propaganda no dia 1.º de Maio.

Federação metalúrgica.—A's 20,30 horas, a comissão administrativa.

Manufactores de calçado.—Pelas 21 horas, a comissão revisora de contas do último semestre de 1924.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Conselho técnico.—A comissão executiva, pelas 20 horas.

—Pelas 20,30 horas, a comissão eleita na última assembleia geral